

DEPÓSITO LEGAL

ABR. 1954

1124

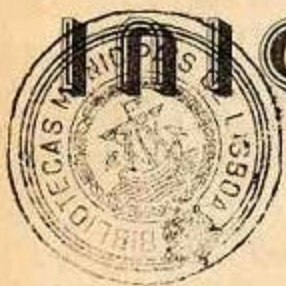
O MENSAGEIRO

Núm.º 13
ANO II
1/4/1954
Preço 1\$50

JORNAL ACADÉMICO DO LICEU DE D. MANUEL II

(Ao abrigo do Art. 445 do Decr. 36.508)

Professor Orientador: Dr. Óscar Lopes	Corpo Redactorial: Vítor J. Alegria Eduardo Pinho José Augusto Seabra	A. Belmiro Guimarães Arnaldo Pinheiro Torres Eurico Consciência	Composto e impresso na: Esc. Tip. Oficina S. José—Tele. 21866 R. Alexandre Herculano, 123. PORTO
---	---	---	---



INICIATIVAS CULTURAIS NO LICEU

No intuito de estender a sua actividade a empreendimentos construtivos, tem «O Mensageiro» procurado levar a cabo algumas iniciativas de divulgação cultural, que contribuam para completar a formação dos alunos deste Liceu nos aspectos de que mais sensivelmente andam arredados. Entendemos que é pela prática, pela capacidade de organização e trabalho colectivo, que se toma consciência viva dos conhecimentos adquiridos, desenvolvendo-os e partindo até para novos outros. Por isso, chamámos a estas iniciativas o maior número possível de interessados, os quais se encarregaram da sua realização.

Deram-se já dois concertos de música gravada. O primeiro incluiu: *Till Eulenspiegel*, de Richard Strauss; o último andamento da *Sinfonia do Novo Mundo*, de Dvorak; e *Pedro e o Lobo*, de Prokofieff, esta última obra com locução em Inglês, que os ouvintes puderam seguir em tradução escrita. O segundo constou da audição de *L'Enfant et les Sortilèges*, de Ravel, com cantos e recitativos de Colette, seguidos em texto escrito no original francês.

Além da música, procura-se também divulgar as artes plásticas, cujo conhecimento por parte dos estudantes do liceu é normalmente bastante diminuto e urge portanto fomentar. Quando tiver saído este número do jornal deve já estar aberta uma exposição de reproduções de quadros das mais importantes correntes artísticas desde meados do séc. XVIII até à actualidade. Esta exposição, que já esteve patente no Instituto Superior Técnico de Lisboa, foi possível graças a diligências feitas junto dos seus organizadores, havendo a realçar por outro lado a colaboração da Associação de Estudantes da Escola de Belas Artes. Publicam-se neste número duas páginas de notas históricas e críticas acerca das correntes e autores representados, permitindo assim uma melhor compreensão da exposição. Alunos que estão actualmente cursando, ou se preparam para cursar Belas Artes, prontificam-se a dar explicações de viva voz, perante as reproduções expostas.

Dentro deste mesmo ramo de actividade estão em estudo as possibilidades de organização de exposições de trabalhos dos alunos: desenhos, fotografias, caricaturas, etc. Todos podem enviá-los para selecção. Os que quiserem interessar-se directamente no assunto devem dirigir-se aos alunos da alínea de Arquitectura do 6.º e 7.º anos.

Os colaboradores da secção de Filatelia deste jornal lembraram-se igualmente de fazer uma exposição de selos. Chamamos pois a atenção dos fila-

telistas, que podem trazer a público as suas colecções.

Quaisquer outras iniciativas que vós propuserdes merecerão o nosso apoio. É preciso que saiamos da inércia, que vivifiquemos o nosso ambiente escolar. A educação é mais que a aquisição passiva de conhecimentos: é a preparação para a vida, através da aplicação desses conhecimentos às suas realidades efectivas.

*
* *

Estão a decorrer os ensaios respeitantes à festa de despedida dos finalistas. Em virtude da passagem do centenário de Almeida Garrett, vai representar-se uma comédia do nosso grande dramaturgo: «O Tio Simplicio». O ensaíador é o Sr. Dr. Correia Alves, conhecida figura do meio teatral, que gentilmente acedeu ao pedido que nesse sentido lhe foi feito. Como o programa da festa incluirá certamente outras partes (ainda não assentes), qualquer aluno que nelas quiser colaborar pode oportunamente dirigir-se ao 7.º ano.

*
* *

Temos conhecimento da existência no Liceu de Alexandre Herculano e em várias Escolas Técnicas de pequenos clubes cinematográficos que já exibiram vários filmes para os seus associados. Estes pagam uma pequena cota mensal, contribuindo assim para as despesas contraídas. É uma iniciativa que merece caloroso aplauso, e pela nossa parte ele aqui fica registado. Além disso, eis um estímulo para nós, alunos do Liceu de D. Manuel II. Por que não fazemos uma tentativa semelhante? As dificuldades que surgem não são irremovíveis. Trabalhemos para as superar.

Não existe no Liceu *écran* nem instalação sonora adequada. Mas sabemos que a resolução deste problema começou já a ser olhada com atenção, o que desperta justificado interesse, pelas possibilidades que abre de exibição de filmes.

Mesmo nas circunstâncias actuais, pensa-se trazer a este Liceu alguns filmes cedidos gentilmente pelo Instituto Francês. Ao Cine-Clube do Porto deve-se o empréstimo da máquina de projecção. Agradecemos todas estas facilidades, que vêm contribuir para a difusão entre os nossos estudantes da autêntica arte cinematográfica, e por intermédio dela de inúmeras questões culturais.

FIGURAS DO CINEMA

Charles Chaplin

Charles Spencer Chaplin, de seu nome completo, filho de um casal de feirantes, nasceu no bairro pobre de Remington, subúrbios de Londres, a 16 de Abril de 1889.

Viveu juntamente com os seus dois irmãos, Wheeler e Sidney, tempos de amaríssima miséria na mansarda que mais tarde foi fielmente reproduzida no «Garoto de Charlot».

Tendo ficado orfão de pai muito cedo, foi a mãe que lhe ensinou as pantominas que ela impingia no teatro, e o levou a representar, tendo ele ainda menos de oito anos, nos terraços e esplanadas, nos cafés de operários. Aí, com geral agrado, imitava perfeitamente indivíduos de alguma importância, principalmente na vida política.

Depois, já com oito anos, foi contratado pelo grupo «Laucahire Lads», troupe de bailarinos em tamancos, onde aprendeu o célebre modo de andar deitando os pés para fora.

Com 13 anos de idade, fez com seu irmão Sidney uma «tournée» pela Grã-Bretanha, apresentando a comédia «Sherlock Holmes», da sua autoria.

Em seguida a este êxito, incorporaram-se ambos no grupo de «Fred Karno», onde Chaplin criou a sua imortal figura — Charlot.

Com a companhia de «Karno» percorreu todo o mundo, e em 1910 Chaplin apareceu na América como primeira figura do grupo, emparelhando com Stan Laurel, o «Bucha» do cinema.

Vem à Inglaterra e aqui faz a sua célebre peça «Club Inglês», com o que volta à América, afim de colher os louros relativos aos seus anteriores triunfos.

Longe de ser a coroa de glória do habilíssimo artista, «Club Inglês» teve tal êxito na América que bastava a sua presença no cartaz para sem qualquer outra representação juntamente, fazer esgotar a lotação dos principais teatros.

Em vista do êxito obtido, Chaplin foi assediado por Adam Kessel para trabalhar para a Heystone, chegando este a oferecer (e dar, porque Chaplin aceitou) 150 dólares por semana.

Tendo começado a trabalhar sob a direcção de Mack Sennett, teve a princípio pouco ou nenhum êxito. Mas à medida que avançava, foi também progredindo em técnica e pouco tardou que o sucesso que até aí se lhe negava se lhe declarasse abertamente.

Terminado o contrato, começou a dirigir para a «Essanay», entre outros, os seguintes filmes: «The Champion», versão cinematográfica de «Club Inglês», «Charlot marinheiro», da série «Charlot», e «Carmess».

A partir de 1915 começou a trabalhar para a «Mutual», dirigindo «Charlot patinador», «O emigrante», «Na rua da paz», «O vagabundo».

De 1913 a 1922 dirige para a «First National» a famosa série do milhão de dólares, em que estão integrados entre outros os filmes: «Idílio nos campos», «Nas trincheiras», «Vida de cão», «Um dia bem passado», «Dia de pagamentos», «O peregrino» e a obra-prima «The kid», «O garoto de Charlot», com a descoberta valiosíssima Jackie Coogan.

O triunfo desta série de filmes deu-lhe fama, dinheiro e impulso para novos empreendimentos.

Assim, depois de em 1922 ter terminado o contrato com a «First National», funda juntamente com Douglas Fairbank, May Picheferd e Grilth a companhia de filmes «United Artists», ainda hoje em acção, embora nada tenha, actualmente, que ver com Charlie Chaplin. Para esta companhia, a «sua» companhia, escreveu um filme que apenas dirigiu, «A opinião pública», que embora sem a sua interpretação é outra obra-prima do cinema chaplineano.

Quando dirigiu «Luzes da cidade», fez-lo com a condição de não falar, o que faz com que a figura que dá nome ao filme se movimente como uma sombra por entre todas as outras personagens; o mesmo acontece em relação a «Tempos modernos». Dirigiu também: «A quimera do ouro», um filme profundamente comovedor e «O circo», duas obras-primas do cinema mudo.

Finalmente, em 1938 começou as filmagens duma película em que, sendo a principal personagem, fala pela primeira vez e grava a sua voz no filme sonoro.

Essa película, «O grande ditador», foi projectada pela primeira vez em Nova York, no «Astor», em Outubro de 1940, com enorme êxito. A sua actividade continua, e há relativamente pouco tempo projectou-se entre nós a sua produção «Luzes da Ribalta», simultaneamente em 4 cinemas, do Porto e de Lisboa.

A estreia em Londres assistiu a própria rainha Isabel II, que felicitou vivamente o homem que meteu o bedelho em todos os pormenores, desde a direcção e a montagem à música, à dança e à pintura dos cenários.

Isto sem falar na interpretação genial de Charlie Chaplin e no seu tacto ao descobrir a bailarina Claire Bloom, sem dúvida de real valor na arte coreográfica.

Feita a resenha da sua vida, cumpre dizer que a Chaplin foi negada a cidadania da América, o que deu lugar a uma polémica que se arrastou por largo tempo.

É de lamentar apenas que o público, que tão cavalheirescamente acolheu a última produção de Chaplin, batendo delirantemente as palmas no fim da estreia, fosse ao cinema para ver apenas o Charlot e para se rir com as suas pantominas.

Os filmes de Chaplin contêm um problema que se procura deslindar, mas que não cumpre ao público, que se habituou a ver em Charles Spencer Chaplin apenas um palhaço com muita habilidade.

Pereira da Rocha

NOTA— Segundo Louis Delluc, Charlot seria a caracterização do tipo do judeu polaco foragido.

DOIS POEMAS

ELA

Vi-a...

Amei-a!...

Foi tudo num instante:

Ela passou

E eu vi-a...

Amei-a!...

VISÃO

Vai!

Não vás!...

Volta!

Não voltes!

Deixa-te estar assim,

Entre o dia e a noite.

Não vás,

Não voltes.

Deixa-te estar assim,

Entre o zero e o infinito,

Entre mim e ti.

Deixa-te estar:

Não mates a ilusão!...

F. Vasconcelos

DESPORTO

O CENTRO DESPORTIVO UNIVERSITÁRIO espera-vos

Não é propriamente um pedido que vos vou fazer. Não! É mais que um pedido, é quase lembrar-vos um dever.

Antes, porém, de entrar no assunto que me levou a escrever estas linhas, quero advertir-vos de que apenas me dirijo àqueles que se interessam pela prática de desporto dentro e fora do liceu, àqueles que aspiram a envergar uma camisola, para a defenderem em lides desportivas oficiais. É, pois, a esses que lhes lembro que fora do liceu existe um clube de estudantes, o Centro Desportivo Universitário do Porto, que, ao menor desejo seu, os receberá de braços abertos no magnífico estádio do Campo Alegre, onde tremula uma bandeira que é o verdadeiro simbolo do perfeito amadorismo desportivo. É preciso que vos lembreis também que nesse clube podeis encontrar um excelente ambiente de camaradagem e gozar de umas instalações que se caracterizam por grande higiene e conforto.

Não são apenas estas as razões que invoco para que prefirais o C. D. U. P.. A razão principal é esta: sois estudantes e como estudantes deveis envergar a sua camisola; o bom successo do desporto universitário reside em vós, pré-universitários.

Espero que este apelo não tenha sido em vão. Termino esclarecendo-vos de que todos aqueles que desejem entrar para filiados das diversas secções desportivas se me podem dirigir, pois terei imenso prazer em vos prestar todos os esclarecimentos.

Jorge Araújo

NOTA:— Aproveitando esta oportunidade, os alunos deste liceu que fazem parte das equipas do C. D. U. P. agradecem reconhecidos ao Sr. Dr. Jaime Rios de Sousa, digno presidente do C. D. U. P., que tem dado o melhor do seu esforço à causa do desporto universitário, aos chefes da secção de andebol e basquetebol, respectivamente Sr.º Fernando Ribeiro e António Silva Leal, aos seus colegas de equipa, ao simpático Sr. Mário (célebre pelos seus lances livres e pelas frases «não andar sobre a pista» e «é favor atar as botas») e a todos os estudantes universitários, as atenções que lhe têm sido dispensadas e o carinho com que têm sido tratados.

TIRO

Realizou-se no passado dia 13, na Delegação da Província do Douro Litoral da M. P., à rua de Gonçalo Cristóvão, uma prova de tiro, à qual concorreram quase todos os centros escolares e extra-escolares do Porto.

O nosso Liceu também enviou três representantes: Manuel Maia, Manuel Azevedo e Chaves Almeida.

O campeonato, que principiou cerca da 1 hora e 30 minutos, foi bastante emotivo, notando-se logo pelas provas de ensaio que a luta para o 1.º lugar havia de ser bastante renhida.

Do final das provas foram feitas as classificações, pelo que se verificou que tinha sido o colégio João de Deus o vencedor, logo seguido do nosso Liceu.

Por fim procedeu-se á entrega duma taça ao colégio João de Deus pela sua vitória.

HÓQUEI EM PATINS

3.º Ciclo-6 — 2.º Ciclo-5

No ringue do Lima efectuou-se há tempos um encontro entre as equipas representativas do 2.º e 3.º Ciclos, que alinharam:

2.º Ciclo—Albuquerque, Aires, Leal, Garrett, Azevedo e Castro Henriques.

3.º Ciclo—Siza, Celso, Jorge, Silveira, Gouveia e Fernando Guedes.

Arbitrou: F. Guedes.

O jogo, mormente a primeira parte, foi extraordinariamente emotivo, funcionando o marcador alternadamente a favor de cada grupo.

O 2.º Ciclo começou bem, delineando bons esquemas de jogo, e patenteando os seus elementos excelente combinação entre si. O 3.º Ciclo, embora atacando menos, conseguiu atingir o intervalo empatado a 3 bolas.

No segundo tempo, com os representantes do 2.º Ciclo a acusarem natural cansaço, em virtude do esforço dispendido, o 3.º Ciclo marcou duas bolas seguidas (facto que ainda não se tinha verificado) e o 2.º Ciclo pareceu desorientado. No entanto, ainda marcou dois golos, contra um do 3.º Ciclo, mas não pôde modificar o resultado.

Salientou-se, nos vencidos, a actuação de Leal, bem secundado por Garrett. O 3.º Ciclo teve o seu ponto fraco no ataque. Os seus avançados, mal entravam na zona de remate, embrulhavam-se com a bola, sendo facilmente desarmados. Celso e Jorge foram os seus melhores elementos.

Sarsfield Cabral

XADREZ

Estão a decorrer com grande interesse os campeonatos de 1.ª, 2.ª e 3.ª ordem, da M. P.. Comandam as respectivas classificações: J. M. Couto Viana, A. Sampaio e Octávio Quintela.

Brevemente esperamos dar os resultados finais.

Preço—Escudos 70\$00



Preço—Escudos 70\$00

PORTO EDITORA, LIMITADA

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 42

PORTO

A tua começou agora . . .

Seguia eu o caixão de minha mãe, a pé, naquela manhã fria e triste do mês de Janeiro, deste que há pouco acabou.

Umás lágrimas corriam-me na face, indo molhar a rua, por onde pela última vez desta vida acompanharia minha mãe. Sim, nunca mais tornaria a passear com ela, por aquela rua... Viva... ou morta... nunca mais!

Maquinalmente, tirava o lenço do bolso, e enxugava uma lágrima que se perdera das outras e não caíra como elas...

Naquela altura pensava... Já nem sei em quê... Devia ser na minha desventura... que eu julgava que ninguém mais assim a havia sofrido...

Como me enganava... Eu é que ainda não sabia o que estava a fazer neste mundo... Ainda não começara a sofrer... Mas mesmo a sofrer... E os outros, já.

Tinha entrado na Igreja... Deliciava-me a contemplar aquela sua face branca como nunca, que eu sempre vira rosada, cheia de vida... esperando um beijo meu... Esperaria agora, também?...

E, sem dar por isso, as lágrimas caíam-me cada vez mais fugitivas... Já o próprio lenço chorava também...

Senti nessa altura que me tocavam no ombro. Voltei-me. Era um velhinho, de longas barbas brancas, pele encarquilhada, cabelo alvo e muito raro, olhos vivos e chorosos, de olhar terno e cansado.

«Meu filho! Não penses que só tu sofres assim! Chora, é bom que chores... para que quando vires os outros chorar... os possas compreender... Mas todos sofrem como tu! Hoje és tu... é verdade... amanhã será outro... e a vida agitada e indiferente... continuará... sem parar! Eu já não tenho pais, irmãos, quem quer que seja de família... Estou só no mundo... e só morrerei. Sei o que é sofrer, o que é gozar... o que é viver!

Entraste agora na vida. Começarás a lutar... e que sejas sempre vencedor! Mas olha que te vai custar muito... Deus te ajude!

Escuta. Escuta uns passos da minha vida. Verás que aqui e ali é como a tua... como a de todos».

E a olhar minha mãe, ouvia as suas palavras, cadenciadas e tão doces... que nunca mais esquecerei...

«Em criança fui sempre muito feliz. Tinha tudo o que queria: brinquedos, carinhos, passeios. Tudo me davam meus pais. Era filho único e neto também. Todos os olhares, atenções e presentes, tudo, tudo era para mim. Era na verdade felicíssimo.

Cresci. Andei no liceu e era um aluno muito regular. Partia nesse horrível ano para a Universidade. Mas o que a ti... agora aconteceu... já há muito a mim acontecera...

... Nesse ano perdera minha mãe... Tinha dezassete anos e ela mais vinte e dois... Era nova e bonita... mas sofria muito!

Trazia a alegre notícia... dum bom exame na admissão à Universidade...

Entre depressa em casa. Galguei as escadas quatro a quatro e entrei no quarto de minha mãe, doente há duas semanas, com coisa que não era de assustar.

Esperava vê-la alegre e perguntando:

«Que tal? Meu filho!»

Alegre não estava... mas a pergunta foi feita... muito devagar... e nem sei se... consciente...

Triste quadro era aquele...

Minha avó... chorava copiosamente. Minha mãe... sorria... mas que sorriso! Seria o último...

Esqueci o exame... a vida... e naquele momento só via perguntas no meu espírito, não conseguindo compreender o que se passava.

«Que tem, Mãe?—perguntei a medo.

O seu braço levantou-se hesitante... e apontou o coração...

«Mãe... Mãe... que tem?»—repeti... nada vendo... nada ouvindo...

«Vem cá... meu filho!»—foi a sua resposta... à última pergunta... que ouviu...

Abracei-a... aqueci-a com os meus braços jovens e quentes... e beijei-a... cobrindo-a de lágrimas, de beijos, de carinhos... os últimos...

Quis-me abraçar... mas já não pôde.

E no momento em que me queria apertar... os seus braços... deixaram de ter vida... caindo... o sangue deixara de correr... nas suas veias... ficando fria...

Nos meus braços estava minha mãe... agora morta... fria... imóvel... mas linda...

Tive eu o seu último olhar... agarrada a mim enfrentou a morte... que a levou... roubando-me...

Terríveis momentos aqueles... em que seus olhos, que dantes me sorriam... foram fechados para todo o sempre... A sua boca fechada foi também... deixando de me aconselhar... de me beijar... Já não via o seu filho querido... que criara, educara, vestira e vira crescer... Já não me ouvia... E quando lhe dei o meu último beijo no seu rosto frio e nas suas brancas mãos, já não senti as lágrimas que me caíam... que eram dum filho... que a perdera e a chorava...

Daquela vez não me disse:

«Não chores mais... querido!»

Ah! Como custava pensar que nunca mais a teria a meu lado... que já não vivia... que já não era minha... nem de ninguém... Era de Deus!

Já não rezaria pela sua saúde, mas pela sua alma.

Balbuciando uma Avé-Maria, desci as escadas dum só salto, como um doido, nunca podendo acreditar... infelizmente... na verdade! Atravessei o corredor derrubando tudo, afastando todos. Contudo, ninguém reparara em mim... todos choravam... alguns gritavam...

Nem cheguei ao outro lado... Um «landau» que se aproximava na sua maior velocidade... não tendo tempo de estacar... faz com que eu sinta as patas dos cavalos entrarem-me pela carne. Depois... uma roda que me atravessava o corpo causando-me... dores horrorosas... Contudo... ainda pude terminar:

«... Amen...»

Depois nada mais soube, e nada mais quis saber.

Encontrei-me quando voltei a mim num quarto duma casa de saúde, e soube que apenas dizia:

«Minha mãe... não morreu... pois não?...»

Sofri muito com os tratamentos que me deram. Como me faziam falta... os carinhos de uma mãe...

Umás semanas depois, um tanto ou quanto cicatrizado... vim pela primeira vez ao quintal... dar um passeiozinho.

Já nem sei o que fazia. Consegui ver pelos

(Continua na página 9)

HUMORISMO

«O Desafio do Século»

No dia primeiro deste ano realizou-se na vila da Meda (que vinho ascendente!) um encontro de futebol entre o clube local e uma equipa de estudantes.

Ora isto é uma verdade, sem piada, que parece não ter cabimento numa página de humorismo! Concorde, mas o mesmo se não poderá dizer dos cartazes anunciadores — «O desafio do século» e «Todos ao estádio... se não chover» — e sobretudo de dois comunicados que surgiram a propósito.

Tudo começou quando na véspera do ansiado prélio redigi um convite que o sr. Zé d'Almeida copiou na sua caligrafia bonita e eu afixei no «Café Avenida»:

Convidam-se todos os jogadores do Sporting Clube de Meda a comparecer amanhã no Estádio Municipal, afim de colherem preciosos ensinamentos, que lhes serão ministrados pelos estudantes. Lição absolutamente gratuita.

Aconteceu que o Vasques, avançado centro adversário, estava presente, e à noite já lá não vi o meu cartão.

Afixado estava, mas na «Barbearia Aleixo», incluído numa exposição deste teor:

SPORTING CLUBE DA MEDA COMUNICADO

1.º — Não é apanágio dos nossos desportistas «desmamar» «crianças»; se vão para o campo é simplesmente por espírito de filantropia.

2.º — Esperam que tudo corra bem, para que se desmintam o adágio: «Quem se mete com crianças...». De resto, «saúde e desporto».

Seguia-se o meu provocante convite e a adequada resposta:

O Sporting Clube de Meda tem o prazer de anunciar aos académicos de meia-tigela desta terra que se iniciam amanhã as actividades da «Campanha de educação de crianças», visto carecem de terceiros para os seus escritos.

A DIRECÇÃO

Ao lado, as frases: *Toma que já almoçaste e Inter amicus non habet geringonças.*

Li, reli e... ri, para se não rirem de mim, mas na manhã seguinte lá apareceu:

«OS ESTUDANTES» CONTRA - COMUNICADO

1.º — Temos de reconhecer que era grande pretensão nossa ensinar «Velhos», porque «quem torto nasce tarde ou nunca se endireita».

2.º — Vamos para o campo na disposição de perder, porque o contrário poderia ser tomado por desrespeito para com a velhice.

3.º — Não foi por ignorância que nos servimos dum não estudante para os nossos escritos. Quem precisa de instrução são os «Velhos» e para eles se criou a «Campanha de educação de Adultos».

4.º e último — Os «académicos de meia tigela» são a informar que em «Inter amicus non habet geringonças» se deveria ter escrito «amicos» e não «amicus».

Quem te manda, sapateiro remendão, tocar rabecão!

O que é lamentável é que tenhamos de ser nós a ensinar quem nos apelidou de ignorantes. De resto, tal frase dispensava-se, porque GERINGONÇARUM AMICI NON SUMUS.

OS ESTUDANTES

O desafio disputou-se e... nós perdemos por 1-10... Ah! Já me esquecia! No início do encontro ofereceram-me uma «chupeta»!!!

Eurico A. H. E. I. T. O. R. Consciência (1)

(1) Parece terem surgido dúvidas sobre a verdade do meu nome. Não sou «peneireto» como muitos (felizmente que não há cá disso no Liceu), mas esclareço que Eurico A. H. E. I. T. O. R. Consciência equivale a: Eurico Amável Heitor Erpste Irineu Tello de Oliveira Rato e Consciência.

Eurico e Amável são nomes próprios, o primeiro de origem germânica (Erick) e o segundo como modesto reclame das minhas qualidades. Heitor é, no meu caso, um apelido cujas origens não posso determinar por demasiado remotas; Erpste vem dum meu antepassado alemão que a todas as moças que passavam fazia: «Pst... pst». Passou a ser conhecido por «Herr Pst» (em Português: «Sr. Pst»), e há cinco gerações que a minha família aportuguesou para Erpste. Tello de Oliveira é corrupção do *Talo de Oliveira* a que se encostava um meu tataravô coxo. Rato vem dum meu antepassado primo colateral do sr. Amon Ra, do Egipto. Dizem as crónicas que esse meu avô não era um rato; era... um raião. (Vêde «O Egipto pré-histórico à base da história» de Damies Perão). Para o meu quinto apelido, Irineu, consultar o «Quarto nobiliário», coligido por D Pedro, conde de Barcelos. E Consciência está mesmo a dizer: Com Sciência (a própria grafia da palavra «ciência» cheira a antigo).

Depois disto, espero não ter de me justificar novamente... Ah! Estas genealogias!... Não é para qualquer...

A CHUVA

(Aos adoradores de Baco)

*Chovia a potes!
Num banco sentado,
todo «virado»,
falava, «tombado»,
um par de borrachotes.*

— Tu gostas da chuva?
— Detesto-a! Não!
— Não?! — A chuva é água!...
— Pois olha que eu gosto.
— ?...
— Gosto, porque a chuva,
sendo «ch» com «uva»,
sabe-me a mosto!...
(«Ch» era a fermentação!
E a «uva»?... A perdição!)

*Uma gargalhada,
franca, escancarada,
ali ecoou...
E o par deles — oh! —
a fazer «ó ó»
naquele chão ficou!...*

Chovia a potes!...

Manuel Daniel

SUMÁRIO DA EVOLUÇÃO DA PINTURA

para uso dos visitantes à exposição

SÉC. XVIII

A arte da aristocracia dominante é graciosa, pitoresca, amaneirada, fantasista e sensual; Watteau, Boucher e Fragonard desenvolvem uma pintura de conteúdo um tanto mórbido, donde, no entanto, não está ausente a alegria da vida.

Gêneros novos ou renovados: a festa galante e o retrato.

A instituição dos «Salões» (1737), onde se exerce a crítica da arte que guia a curiosidade do público, tende para o aburguesamento dos gostos. Sob a influência dos mestres holandeses, cultivam-se as naturezas mortas, os interiores plebeus e os temas animalistas. A burguesia opõe às festas galantes a imagem da intimidade e da felicidade do lar mediano, dos sucessos familiares (*Greuze, Chardin*). Foi Diderot o principal teórico deste ideal estético da burguesia, nascido na Holanda.

Chardin, filho de um carpinteiro, foi pintor da laboriosa pequena-burguesia parisiense, e soube, como nenhum outro, animar os objectos familiares.

A combatividade do Terceiro Estado triunfante caldeava-se nas virtudes dos antigos, procurava inspiração no civismo da República Romana. E os pintores preocupam-se com uma arte cheia de vigor combativo, como *Louis David*, a quem o classicismo ficou devendo alguns anos mais de existência e que se tornou depois o pintor oficial de Napoleão.

Posteriormente *Ingres*, ao nu heróico de *David*, prefere a beleza do corpo feminino, feita a Revolução.

Merece ser considerado numa posição à parte o pintor espanhol *Goya*, que pela densidade dramática, pela riqueza de colorido é precursor do Romantismo, e cujos temas populares condizem bem com a época da Revolução.

ROMANTISMO

Opondo-se ao classicismo de *David*, procura inspiração na Idade Média, no Renascimento ou na História Contemporânea. Caracteriza-se por um interesse pelo exótico oriental, e pelo passado; pelo desgosto do presente, a necessidade de evasão no espaço (preferência pelo indefinido, a penumbra) ou no tempo. Em vez de obedecer a leis gerais, o artista segue o seu temperamento, confia na sensibilidade, na imaginação. A cor volta a ser elemento preponderante. *Géricault* preocupa-se com os efeitos da luz e do contraste, *Delacroix* com os da relação das cores. A pintura inglesa continua a técnica setecentista, sem se deixar influenciar pelo neo-classicismo de *David*, e é por isso considerada como uma escola (*Constable*). Desde agora, e até ao séc. XIX, a pintura ocupa o primeiro lugar entre todas as artes plásticas.

Géricault—Sombras densas sublinhando o movimento; marcação por massas, como na escultura.

Delacroix—Uma viagem a Marrocos e a Espanha acentuou o seu já dominante interesse pela riqueza da cor. As visões do Oriente interferem constantemente com as evocações da Antiguidade. Na Bélgica e na Holanda encontrou o génio de Rubens, que por fim se tornou seu verdadeiro mestre. Poder criador apaixonado, mas cada vez mais disciplinado.

Constable—Formulou a teoria da sua arte paisagista: subordinação do artista à natureza, sem escolha nem interpretação preconcebida. Restaurou o valor poético da paisagem.

Turner—Acentuou na paisagem o romântico e o pitoresco. Ao pretender sugerir uma impressão e não dar uma forma precisa, ao valorizar a irradiação luminosa e a atmosfera foi já um impressionista.

A paisagem, encarada como a antítese da cidade (concepção romântica), tornou-se em meados do séc. XIX o elemento principal da pintura francesa. Os pintores da escola de Barbizan e Fontainebleau, criadores da «paysage intime» procuravam tirar da natureza todos os encantos e segredos, e para eles os sentimentos humanos reflectiam os seus estados.

Corot—Na Itália aprendeu a construir a paisagem, não só com linhas, mas também com contrastes de sombra e luz. As vibrações de luz são dadas numa técnica que anuncia já o Impressionismo.

ARTE NATURALISTA

A influência espanhola sobre a pintura francesa substitui a inglesa. Na imitação da natureza e no alargamento dos assuntos incluíram-se cenas da vida operária e rural, com finalidade moralizadora, humanitária (preocupações sociais da geração de 48). Invenção da fotografia (1839), por Niepce e Daguerre, que porá em questão a concepção da pintura como arte.

Daumier—Cultivou a pintura de crítica social. Grandeza épica e tensão dramática. Paleta dominada pelos tons sépias e dourados de tonalidades surdas animadas de bruscas claridades.

Millet—Instalou-se em Barbizan (1848). Se exalta os místicos é por ver grandeza religiosa nas fainas agrícolas.

Courbet—Contribuiu com os escritores para criar uma doutrina realista. Colorista vigoroso animado por uma visão sã e

robusta da natureza, obtendo grandiosos acordes cromáticos de verde-azul, castanho e cinzento.

O Realismo durará ainda muito tempo, embora despojado do conteúdo social que tinha. Desde agora há que contrastar a arte oficial reinando no «Salon» e no Instituto e a dos inovadores excluídos desse âmbito.

Manet—Foi discípulo de *Courbet* e estudou a pintura espanhola. A sua principal característica foi a aplicação das cores puras.

IMPRESSIONISMO

Propôs-se atingir o mesmo fim do naturalismo: dar do mundo uma imagem o mais exacta possível,—mas acabou por ultrapassar o verosímil, à força de se especializar numa só feição da realidade.

A visão dos aspectos permanentes cedeu o lugar à anotação rápida do fugaz. Despreza-se a modelação das formas e tudo se reduz a jogos de luz. Não existe um objecto em si, mas tantos objectos quantos os focos luminosos e quantos os estados de espírito. Estas descobertas reflectiram-se nas técnicas usadas: em vez de se misturarem as cores na paleta justapõem-se na tela, e são os olhos que realizam a combinação e reconstituem o tom.

Tiveram importância para o aparecimento e evolução do impressionismo: o conhecimento da obra de *Turner*, a acção de certos pintores como *Boudin* e *Jongkind*, a divulgação das estampas japonesas, etc.

Monet—Foi o iniciador do impressionismo (1871). Pintou um mesmo motivo mas sob variadas luzes e a todas as horas do dia. Nas paisagens aquáticas tudo se reduziu a troca de reflexos entre o céu e a água. O vale do Sena foi o seu motivo preferido.

Boudin—Como *Monet*, serviu-se do Sena como motivo.

Pissarro—Recebeu influência de *Turner*, *Cézanne*, *Corot*, *Millet* e *Seurat*. Paisagens aéreas e luminosas.

Sisley—A sua sensibilidade delicada é a nota dominante.

Manet—Prefere a luz artificial à do Sol e conta sempre com a presença humana nas cenas.

Degas—Fascinava-o o gesto casual, não premeditado.

Em fins do séc. XIX o impressionismo converteu-se em decadentismo.

Toulouse-Lautrec—Focou as diversões do circo e do bailado. Como *Degas*, tem o dom da expressão individual e instantânea, mas deforma-a, sendo nesse sentido influenciado pelas estampas japonesas.

Renoir—Cultivou o impressionismo de pincelada dividida e dos tons puros, mas pela vibração sensual aproxima-se de Rubens e de Watteau. Estudou muito nos museus e, como *Degas*, recorreu à luz artificial. A partir de 1885 preocupa-o mais o volume do que a luz.

NEO-IMPRESSIONISMO

A teoria da decomposição das cores atraiu em 1884 alguns pintores («Pontilhistas», «Divisionistas» ou «Prismatizantes»), que procuravam dar à técnica empírica e instintiva de *Monet* uma precisão mais científica, chegando por isso alguns a estudar óptica.

Seurat—Baseando-se nas descobertas de Chevreul, usou só tons puros aplicados por pequenos toques, proporcionados às dimensões do quadro.

A procura do impreciso, do espontâneo, do pitoresco, de que resultou a destruição dos volumes, provocou desde 1880 uma forte reacção dos impressionistas (*Seurat*, *Eusor*, *Renoir*, *Cézanne*). O salão dos Independentes, a partir de 1884, foi um dos factores capitais na arte moderna.

Cézanne—Personifica o retorno ao estável, a reabilitação dos valores tácteis. Violência obtida por vigorosos contrastes de cor e formas precisas. Procurou ultrapassar a imprecisão visual para impor ao quadro uma ordem puramente intelectual, dando mediante a cor a materialidade e a precisão dos volumes. Favorece assim o renascimento do sentimento clássico, pelo que se refere ao permanente, construtivo, monumental e racional.

Van Gogh—Pelo contraste violento das cores complementares, pelo traço curvo e dramático, procurou exprimir a angústia do sofrimento humano e da injustiça. «Eu só procuro fixar o essencial»—diz. E o essencial em *Van Gogh* são os conflitos humanos, cuja violência o seu génio soube reintegrar na pintura.

Gauguin—Paixão pelo exotismo primitivo. Tende a simplificar a relação entre os tons. No ambiente triste da Bretanha, onde se manifestava a arte popular ingénua e graciosa, pintou, com amarelos, violetas e verdes dispostos por superfícies envolvidas a traço negro, estranhas composições um tanto imaginárias. «O pintor deve procurar abstrações» (Simbolismo). Nos quadros feitos depois na Polinésia a simplicidade da linha e da cor acentuou-se mais ainda, tendendo para um primitivismo ingénuo.

Em 1888 um grupo de novos adoptou o nome hebraico de «Nabis» (Profetas) para afirmar a resolução de regenerar a pintura. Entendiam que esta devia ser sintética e decorativa.

RA DO SÉC. XVIII À ACTUALIDADE

reproduções patente no Salão Nobre

Bonnard—Técnica muito penetrada de impressionismo, Continuidor de Cézanne.

Vuillard—Obteve resultados idênticos aos de Bonnard; como ele, seguiu Cézanne, mas foi menos fantasista.

Pintura instintiva, formada pelos que acharam em si mesmos uma espécie de linguagem pictórica:

Henri Rousseau—As impressões que recebeu durante uma estadia no México, ordenou-as em arrojadas combinações decorativas, conservando as mais significativas.

Bombois—Foi camponês e aderiu a um bando de saltimbancos. As suas pinturas inspiraram-se nesta fase nómada da sua existência.

EXPRESSIONISMO

Movimento que começa por 1905. Pretendia exteriorizar os sentimentos interiores, as emoções do artista, ainda que mediante o exagero ou distorsão da aparência natural, chegando ao grotesco, à caricatura. Tem as suas raízes em Van Gogh, nos noruegueses Krogh e Munch, e na arte negra africana e polinésia.

Foi na Alemanha que o Expressionismo recebeu maior aceitação e se manifestou com maior dureza, originando posteriormente a corrente chamada da «Nova Objectividade», que veio a influenciar também a arquitectura. Em França, a crítica classificou como «jaula de feras» («cage aux fauves») a primeira exposição expressionista; daí a designação de «Fauves», por que se tornou conhecido o grupo francês do Expressionismo.

Matisse—A expressão reside na disposição decorativa da pintura, graças ao lugar ocupado pelas figuras, ao espaço que as envolve, às proporções,—na composição, em suma.

Modigliani—Nas suas deformações sente-se a influência da arte negra, mas também a delicadeza da tradição plástica italiana.

Dufy—Foi essencialmente paisagista e decorativista.

Rouault—Inspirando-se nos vitrais, as suas criações procuram simbolizar uma humanidade decaída.

Vlaminck—Violência cromática recebida directamente da obra de Van Gogh, que muito o impressionou.

Derain—Na marcação de motivos percebe-se a transição para o Cubismo.

Marquet—O sentido delicado dos valores da paisagem coloca-o na série dos Corot e Pissarro.

Munch—Preferência pelos assuntos trágicos e angustiosos.

Schmidt-Rottluff—Paisagens de deslumbrante vivacidade, lembrando a arte popular russa, e a técnica do Cubismo inicial.

Kokoschka—Manteve o tradicional contorno das coisas, que reproduz com cores vaporosas e relampejantes.

Beckmann—Alude constantemente à decadência do individualismo, e à dissolução da personalidade no inconsciente bestial.

Grosz—Multiplicou atentas observações sobre a tragédia da guerra e as condições trágicas do após-guerra.

CUBISMO

A partir de 1905, o estudo da arte negra foi uma valiosa contribuição para a formação do Cubismo, que teve influência considerável na arquitectura progressiva e nas artes decorativas. Pretendia reduzir as coisas aos seus volumes essenciais e permanentes.

Picasso—Espanhol aclimatado em Paris, que tem abraçado as mais variadas correntes artísticas. Aparece ora tão humano e mordaz como Lautrec, ora tão cuidadoso como Ingres, ora tão sólido como Miguel Ângelo, ora tão sentimental como Greuze, e pôde mesmo atravessar uma fase de tendência para a arte abstracta. Em 1910 tendia para a geometrização das figuras e dos objectos. No após-guerra, reconhecendo o infrutuoso da abstracção geométrica confinada em si mesma, começou a conceder importância fundamental à expressão dos poderes criadores dos homens na paz. Personalidade dominante do último meio século.

Bracque—Interessa-lhe o jogo das aparências e não qualquer pretensão significado interior. Dele se aproximam *Marcoussis* e *Roger de la Fresnaye*.

Ozenfant—Coloca a composição como a mais importante missão do pintor, de que resultam distribuições precisas, deduzidas como um teorema. Foi o fundador do «Purismo», uma consequência extrema do Cubismo (1918).

Há um grupo de cubistas dissidentes—«Jeune peinture Française»—que procuraram sugestões na arte de Derain. Por exemplo: André Lhote, F. Léger.

FUTURISMO

Procura apreender a vida na sua máxima mobilidade, traduzir o ritmo acelerado do mundo moderno que a máquina transformou. Duchamp e Picabia representaram-no momentaneamente. Mas foi em Milão, seu berço, que o movimento durou mais e produziu melhores resultados.

DADAISMO

Movimento de protesto anárquico contra as convenções da arte, os estilos, a lógica, e todo o estabelecido. Começou em Zurique durante a 1.ª guerra mundial. Dadaísmo não é um estilo, mas sim um estado de espírito. Ao aclimatar-se em Paris (1922) adquiriu uma disciplina e um programa de onde surgirá o Surrealismo.

PINTURA ONÍRICA

Exploração plástica dos sonhos, que seriam as manifestações do pensamento livre de qualquer controle da razão. Foi na fantasia poética de *M. Chagall* que os oníricos acharam o mais importante antecedente. Na pintura de Chagall há elementos do Expressionismo e do Futurismo, e é uma arte simbólica e lírica, que dá razão ao inconsciente.

SOBRE-REALISMO OU SURREALISMO

Não procura a semelhança com a realidade dos sentidos, mas uma pretensa super-realidade que está para além das oposições entre o lógico e o ilógico, o sonho e a vigília, a morte e a vida. É, no fundo, mais um movimento que apela para o subjectivo, recorrendo às visões dos sonhos e aos dados da psicanálise.

Salvador Dalí—Procura superar a realidade, vendo-a à luz dum transe que comparticipa da loucura.

Paul Klee—Nos seus quadros surrealistas exprime o mistério e o terror do inconsciente, segundo uma imaginação que já levava os selvagens a conceber as máscaras dos feiticeiros tribais.

Max Ernst e *Kurt Seligman* procuram refazer o sentimento de mistério, transfigurando as formas aparentes das coisas e pessoas noutras que sugerem formas orgânicas ou vísceras.

ABSTRACCIONISMO

Em 1911, o russo *Kandinsky* pretendeu criar formas e cores puras para além de qualquer objectividade, no que foi seguido por outros pintores. Nos últimos anos acentuou-se a influência desta corrente em determinados meios artísticos e sociais, o que denota uma crise de ideal humano.

—Fundamentalmente, todas estas correntes representam idêntica atitude perante a vida—atitude de individualismo e hermetismo, reflexo de crise—e formam um movimento que se extrema no Abstraccionismo, depois de esgotados os pontos de vista unilaterais e metafísicos sobre a realidade.

Contra isto reage o Neo-realismo.

NOVAS TENDÊNCIAS REALISTAS

Partindo duma concepção de arte que a integra no conjunto da evolução histórica, o neo-realismo procura dar uma visão concreta da realidade humana e social no seu movimento e transformação. Aproxima-se assim directamente da vida; dos problemas humanos, dando-lhes expressão imediata. Do naturalismo mantém o apego ao objectivo, mas assumindo perante ele uma atitude crítica, e do Romantismo recebeu no campo técnico um impulso para a acção, o movimento.

Foi no México, principalmente, que a nova pintura realista teve um desenvolvimento decisivo. A revolução de 1910-21 despertou nos artistas a atenção para a vida dos nativos, a paisagem rural, o ambiente nacional, levando-os através da arte a colaborar na construção de um México novo. A pintura voltou, como antes do Renascimento, a ser um bem comum. Mais de 50 pintores se lançaram numa produção intensiva, frequentando ou leccionando nos cursos abertos para todos, decorando os interiores e as frontarias dos edifícios públicos com frescos gigantescos, e até intervindo directamente no renascimento do país. De entre eles, Rivera, Orozco e Siqueiros foram os de maior projecção.

Diego Rivera—Estudou na Europa. Como Picasso, conheceu inúmeras fases na sua carreira artística. A partir de 1920 tornou-se o apóstolo do *Aztequismo*, pugnando pelo estudo do povo mexicano e pela nacionalização e popularização da arte, que encontrou na nova técnica do fresco realizado a brocha eléctrica e com tinta especial o mais adequado meio de comunicação com o grande público. O que preocupa Rivera é o elemento humano nos temas, onde a correcção do desenho sobreleva ainda ao movimento de composição. Recorreu ao simbolismo mais imediatamente perceptível, ligado às grandes ideias: a solidariedade, o poder transformador do génio humano, a máquina e o operário, a fecundidade; e à produção imediata dos problemas da hora e da história da nação.

E' a Terra o único planeta habitado?

II-O SISTEMA SOLAR- Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno

Ao tentar discutir-se se a vida pode existir ou não em qualquer outro mundo, encontramos a braços com esta dificuldade: não temos conhecimento certo de como ela apareceu na Terra. Suponhamos um mundo cujas condições sejam similares às do nosso. Poderemos induzir, só por isso, a existência de vida nesse mundo? E se, por outro lado, as condições diferirem grandemente das da Terra, será legítimo negar lá a vida? Não será lógico que pensemos que as formas de vida agora existentes na Terra se transformaram, através de um longo processo de evolução, afim de se adaptarem ao meio terrestre e que, se diferentes condições de vida prevalecessem em qualquer outra parte do Universo, diferentes formas vivas teriam aparecido? É concebível, por exemplo, que nós poderíamos ser seres constituídos por células que contivessem essencialmente sílica em vez de carbono, que é o principal constituinte de todas as células vivas sobre a Terra. E se assim fosse, poderíamos existir a temperaturas muito mais elevadas do que tal como somos.

Todas as formas de matéria orgânica e inorgânica são constituídas por átomos de diferentes elementos. Conhecem-se noventa e dois elementos, sendo o hidrogénio o mais leve e o urânio o mais pesado. Todas as inumeráveis substâncias que encontramos na Terra são o resultado de diferentes combinações de algumas das 92 variedades de átomos. Mas estes átomos encontram-se também nos outros planetas, no Sol, nas estrelas—tanto nas mais afastadas como nas mais próximas—, nas nebulosas e nos universos remotos. Inversamente, não se conhece nenhum elemento que ocorra no Sol e nas outras estrelas e que não tenha sido encontrado na Terra. E não somente encontramos no Sol e nas outras estrelas os mesmos elementos que encontramos na Terra; vemos, também, que os elementos que mais abundam na Terra são, de um modo geral, os mais abundantes nos outros astros, embora haja algumas excepções.

Em consequência, se os átomos dos mesmos elementos se encontram por todo o Universo, podemos afirmar que todo o Universo é regido pelas mesmas leis químicas e físicas. Começam assim já a surgir os primeiros requisitos para a existência de vida. O primeiro é que a temperatura não deve ser nem demasiado alta nem demasiado baixa, visto que nenhum dos compostos que formam a matéria viva se manteria a altas temperaturas; e a baixa temperatura a vida, tal como a concebemos, é também impossível.

Outra condição importante parece ser a existência de água. Nem sementes nem esporos germinam em solo absolutamente seco. A água é um constituinte essencial de qualquer célula animal ou vegetal e é absorvendo água contendo as substâncias de que se alimentam que as células crescem e podem reproduzir-se.

A existência de oxigénio é também de certo modo indispensável. Verdade é que há organismos bacterianos anaeróbios, mas também é verdade que mesmo estes estão dependentes de um hospedeiro

que não poderia ter vivido sem oxigénio. Portanto, indirectamente, precisam deste elemento.

Há muitos gases que têm uma acção tóxica sobre organismos vivos, tais como o cloro, o gás dos pântanos, o monóxido de carbono, etc.. Embora a sua presença na atmosfera de um planeta não chegue por si só para podermos negar aí a vida, fornece, no entanto, fortes probabilidades contra a sua existência.

Estas considerações levam-nos à conclusão de que, se conhecermos as condições que prevalecem em qualquer outro mundo, estaremos aptos a dizer da possibilidade de vida orgânica nesse mundo. Se estas condições forem favoráveis à vida não se segue necessariamente que ela tem de existir. No entanto, é geralmente aceite pelos biólogos que, se houver condições próprias, as complexas substâncias orgânicas que formam a célula viva não só *podem aparecer*, mas *aparecerão*. Como é a passagem dessas substâncias para a simples célula viva, a ciência desconhece.

Posto isto, admitindo que a vida apareceu na Terra como o resultado de certas causas naturais e que apareceu ou aparecerá em quaisquer outros planetas com condições próprias para isso, teremos também de admitir que as suas formas nesses astros serão muito diferentes das do nosso. Diferenças na temperatura, na constituição da atmosfera, nas proporções de água e terra e na sua distribuição e nos fenómenos geralmente acompanhantes devem ter influenciado o curso de evolução. O grau de adaptação ao meio mostrado por muitos animais e plantas terrestres reforça consideravelmente esta hipótese. E', portanto, razoável supor que a vida noutros planetas, se existe, se terá possivelmente desenvolvido em formas inteiramente diferentes das que nos são familiares e que são talvez inconcebíveis.

Se em qualquer outra parte do Universo onde possa ter surgido a vida, haverá seres inteligentes como o Homem é problema fora da questão. O que nós procuraremos discutir é se qualquer dos planetas conhecidos possui condições favoráveis à vida. Analisemo-los começando pelos maiores.

Os quatro maiores planetas, Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno, são muito mais volumosos e pesados que a Terra. Os seus raios e massas encontram-se no quadro seguinte:

	Raio Terra=1	Massa Terra=1
Júpiter	10,95	317,1
Saturno	9,02	94,9
Urano	4,00	14,65
Neptuno	3,92	17,16

As velocidades de escape ⁽¹⁾ dos gases atmosféricos são nestes planetas muito grandes, em vir-

(Continua na página 10)

A tua começou agora . . .

(Continuação da página 4)

cuidados que me dedicavam sem cessar, que me faziam maluco . . . ou prestes a sê-lo.

A dor pela perda de minha querida mãe era para eles um sintoma de demência . . .

Parou um pouco, como que para recordar o passado, mas em breve continuou:

«Apareci pela primeira vez em público com dezoito anos e alguns dias, horrivelmente mudado. O rosto transfigurara-se, e tinha uma perna aflitivamente torta, além das grandes e incuráveis cicatrizes que se podiam encontrar em todo o corpo.

Outrora fizera parte dum grupo de rapazes e raparigas. Mas tudo se mudaria, sendo as acções de espanto e troça substituídas para sempre pelo desprezo. Senti-me flutuando na sociedade, sem nela penetrar. Todos me olhavam como a um bicho desconhecido, e quando me aproximava todas as conversas paravam e a alegria desaparecia, como que envergonhada do meu aspecto.»

Agora, com um leve e quase imperceptível sorriso, e quem sabe se com vontade de dizer «Bons tempos!» continuou de novo:

«Ora, como todos os rapazes daquela idade aventureira, tinha um certo fraco, digamos assim, por aquela rapariga de longos cabelo e olhos castanhos, cujo olhar era agora enigmático, não sei se de pena, se de ironia. Ria-se do destino . . . por que não?»

De minha mãe não se lembrara. Nem uma palavra . . . Só falava do que podia ver, e observava de perto . . .

Eu, como não queria fazer infeliz ninguém, mesmo que me quisessem, retirei-me de todos e de tudo a que pudesse chamar: distração.»

Já o sorriso se dissipara. Mas a sua voz prosseguia:

«Nem uma única pessoa me veio ver . . . Minto. Lá veio uma ou outra, de longe a longe.

Resolvido a esquecer toda a vida já passada, excepto aqueles momentos com minha mãe, meti-me por outro caminho muito diferente . . .

Escrevia contos na esperança de que ela, a minha tão querida mãe, os ouvisse, como tantas vezes me pedira . . .

Estudei muito. Passei anos a aprender . . . (Muito aprende a gente até morrer).

Acabo o curso universitário e, sem ter feito a vida académica, muito mais ainda tenho a estudar. Quis-me dar um aperfeiçoamento notável naquele ramo de Direito, para o qual, na verdade, sentia visíveis inclinações.

Só aos trinta anos comecei a ganhar o pão que comia.

Doze anos passei sem saber o que era vier em sociedade. Todos me eram estranhos . . .

Subi. Subi sempre.

Viria a ser um homem notável pelo meu único esforço e crescente sabedoria, se não tivesse resolvido terminar os poucos anos, que vi correr, falando com este, tendo aquele como aluno.

«Então porquê?»—perguntarás.

Não sei se já disse que era agora professor de Universidade. Até àquela altura não tivera uma única alma, a não ser a de meu pai, as de meus avós que me amparass.

Mas como tinha alcançado na sociedade um lugar de destaque como lente, e ainda maior como investigador histórico, a pouco e pouco vi que era sitiado pela hipocrisia humana, e que não havia possibilidades de salvação, a não ser se me entre-

gasse, a ela ou pela segunda vez me afastasse vencido também.

Foi o que fiz. Como não queria conhecer amigos . . . que o não eram . . . e que já eram muitos, e fazer-lhes favores a seus filhos e famílias . . . retirei-me.

Nunca mais esquecerei uma carta, que me enviou a tal rapariga dos longos cabelos, agora casada e com dois filhos, que em paga da amizade e amparo que sempre me havia dedicado, como escreveu, me pedia benevolência para o exame de seu filho. Sempre fora muito irónica . . . Afinal o seu olhar, há tempos, era de ironia. Só então compreendi.

E enfim, tudo isto contribuiu para que estudasse só para mim e investigasse pontos históricos ainda não descobertos.

Pensei em encontrar algum dia, alguém que me pudesse substituir.

Morrerei em breve. As minhas descobertas são valiosas e cheias de interesse. Deixá-las-ei a ti. Mas é preciso estudares muito para as compreenderes.

E pronto, foi esta a minha vida . . . Acabou já.

A tua começou agora . . .»

Arnaldo Owen Pinheiro Torres

FILATELIA

INICIATIVAS DESTA SECÇÃO

É com satisfação que vos comunicamos que esta secção de Filatelia vai daqui em diante entrar em franca actividade. Precisamos portanto da vossa colaboração e auxílio.

Para principiar, avisamos todos os interessados em questões de filatelia e que possuam a sua colecção de selos, que brevemente se efectuará neste Liceu uma exposição de selos composta por colecções dos alunos. No próximo número falaremos desse assunto mais pormenorizadamente.

Um assunto de grande interesse é também o da troca de selos entre os alunos. Para tal fim pensou-se expor em local acessível a todos os selos daqueles que no-los quisessem enviar, para serem examinados por os interessados na permuta; se por acaso os selos expostos os interessassem, podiam falar com os respectivos donos e estipular as condições da troca.

O local onde fossem expostos seria previamente combinado, e tanto quanto possível acessível aos alunos.

Para que este sistema se efectue, basta os interessados darem o nome e número, juntamente com os selos que quizerem trocar, ao Pinheiro Torres do 5.º ano, ou ao Brito e Cunha do 7.º.

Pede-se, no entanto, que todos os filatelistas correspondam a esta ideia, de maneira a criar assim um núcleo de coleccionadores que deste modo valorizarão as suas colecções e privarão mais intimamente com os seus colegas.

Campos Moraes

Papelarias Aarújo & Sobrinho, Sucrs.

Sede: Largo de S. Domingos, 50

Filiais: R. Santa Catarina, 101 PORTO e R. dos Clérigos, 33

Em Lisboa—Rua da Madalena 80-D

Canetas e lapiseiras EVERSHARP — Oficina especializada em concertos de canetas, lapiseiras e estojos para desenhos

É a Terra o único planeta habitado?

(Continuação da página 8)

tude das grandes massas. Podemos, portanto, esperar encontrar atmosferas muito densas. Por esta razão, eles têm muitas semelhanças e é conveniente considerá-los conjuntamente. O maior e mais próximo da Terra é Júpiter, que é conseqüentemente o mais favoravelmente colocado para observações detalhadas e estudo com o telescópio. Suponhamos que estamos a observá-lo com um telescópio pouco potente. Vemos um disco brilhante, cruzado por um certo número de riscas dispostas paralelamente. Estas manchas são paralelas ao equador de Júpiter. Fixando a atenção em qualquer objecto da superfície do planeta, notaremos que ele parece mover-se gradualmente sobre esta superfície. Este movimento aparente é produzido pela rotação de Júpiter em torno do seu eixo e esta é muito mais rápida que a terrestre.

Observaremos, também, que o brilho é mais forte no centro que nos lados do disco. Isto sugere que o planeta tem uma atmosfera e que a diminuição da intensidade do brilho na orla é devida à absorção de luz por esta atmosfera. No caso do Sol, que é um corpo gasoso, há um fenómeno semelhante, e na Lua, corpo sólido, sem atmosfera, nada disto se nota.

As zonas paralelas que se vêem em Júpiter são de várias cores, predominantemente vermelhas, castanhas e alaranjadas. Pensava-se, até há poucos anos, que Júpiter estava ainda incandescente e que as cores vivas da sua superfície não eram mais que vapores em chamas, elevando-se da massa fundida (ou quase fundida) para a atmosfera. Observações feitas nos últimos 25 anos provaram que esta suposição era errônea. Pelo contrário, calculou-se a sua temperatura média à superfície em -140°C .

A aparência de Saturno ao telescópio é, tirante os seus característicos anéis, semelhante à de Júpiter. Várias têm sido as medições da velocidade do seu movimento de rotação e todas mostram que ela é um pouco menor que a de Júpiter.

Tal como em Júpiter, as orlas do disco de Saturno são muito menos brilhantes que o centro, sugerindo a presença de uma considerável atmosfera.

São os seus anéis que o tornam notável e, talvez mesmo, único no nosso sistema solar. Clerk Maxwell mostrou, em 1857, que os anéis não podiam deixar de ser constituídos por uma grande quantidade de pequenas partículas. Se eles fossem sólidos, líquidos ou gasosos seriam instáveis e desagregar-se-iam. Podem, portanto, considerar-se como pequenas luas, girando à volta de Saturno.

Os dois restantes planetas maiores, Urano e Neptuno, estão a tais distâncias do Sol que pouco podemos saber acerca deles por observação telescópica directa. Ao telescópio, ambos se apresentam como dois pequenos discos de cor verde mar. Não há marcas superficiais suficientemente distintas

para darem indicações sobre os períodos de rotação, mas, por observações espectroscópicas, sabe-se que são de $10\frac{3}{4}$ horas para o Urano e 15 h. 40 m. para Neptuno.

O pouco que sabemos destes planetas por observação directa mostra, como teríamos esperado, que há grandes semelhanças entre eles e os dois primeiros, Júpiter e Saturno. Conseguiu-se já medir a temperatura média da superfície de Urano—menos de -180°C . Neptuno deve ser ainda mais frio, mas a sua temperatura não foi ainda determinada.

As densidades médias de cada um dos quatro maiores planetas são surpreendentemente baixas e, assim, atendendo ao seu volume, chegamos facilmente à conclusão de que devem ter enormíssimas atmosferas. O Dr. Jeffreys sugeriu que estes planetas são provavelmente constituídos por 3 regiões: um núcleo de rocha, rodeado por uma capa de gelo de grande espessura, por cima da qual se encontra uma extensíssima atmosfera.

Segundo os cálculos de Dr. Rupert Wildt, o núcleo rochoso de Júpiter tem um raio de cerca de 35.000 km. A capa de gelo tem perto de 25.600 km de espessura e a atmosfera 9.600 km. Para Saturno, os dados são respectivamente 12.400 km, 9.600 km, e 25.600 km. Como as atmosferas são muito grandes, as pressões são-no igualmente. Em Júpiter, por exemplo, a pressão à superfície é cerca de 1.000.000 vezes a da Terra. Com tais pressões e temperaturas, não há matérias no estado gasoso e, portanto, dos milhares de quilómetros que demos para cada atmosfera, a maior parte está solidificada ou liquefeita. Quanto a Urano e Neptuno, as indicações que há são um pouco mais incertas.

Os gases atmosféricos dos planetas maiores são inteiramente diferentes dos da Terra. O hidrogénio e o hélio existem em grande quantidade e os outros gases inertes, argon, néon, xenon, etc. estão também presentes, assim como o venenoso gás dos pântanos. Não pode haver anidrido carbónico por causa da baixa temperatura e é pouco provável que haja azoto e oxigénio livres.

Os planetas gigantes são, pois, mundos em estranho contraste com o nosso. Estes lúgubres e remotos, tristes e gelados desertos do sistema solar não são lugares onde possamos ter esperança de encontrar vida de qualquer espécie, pelo menos espécie terrestre. O grande frio não faz a vida impossível, por si só, nem a grande pressão somente nos habilita a negá-la; mas, quando estas condições se combinam com a ausência de oxigénio e com a abundância de gases venenosos, ficamos com uma tal associação de circunstâncias desfavoráveis que somos compelidos a dirigirmos para outro lado a nossa busca de vida no Universo.

Manuel José da Silva Mendes de Carvalho

(1) Chama-se velocidade de escape de um gás à velocidade que devem ter as suas moléculas para que possam fugir à força de atracção do planeta a que pertencem. Esta velocidade aumenta evidentemente com a massa do planeta.

SALA DE ESTUDOS

R. de Serpa
Pinto, 73

ALA

Tel.: 42910
42089

Modalidades de ensino:

Estudo diário — 17,30 às 20,30
para o 1.º e 2.º ciclos e orientado
por Prof. de especialidade.

Cursos de explicação de qual-
quer disciplina de ensino Liceal
e Técnico.

Estabelecimento de ensino particular—Curso de admissão aos Ins-
titutos. Nesta cidade, único no género.

Atenção: os nossos pequenos cursos resolvem o problema dos alunos do 3.º ciclo reprovados em algumas disciplinas e de todos os que queiram estudar mesmo fora da idade escolar.

PÁGINA DOS MAIS NOVOS

Foi o vento que me contou...

O vento me contou que, no tempo em que os bichos falavam, morava numa floresta uma onça tão forte e tão má que todos os outros animais viviam tremendo diante dela, só fazendo o que lhe agradava. E cada dia ela inventava um novo modo de atormentá-los.

Uma vez resolveu tomar conta da nascente onde todos bebiam e só deixar aproximar-se quem respondesse a uma pergunta que fazia. Mas não disse a ninguém que pergunta seria.

Quando chegou a tarde e a bicharada começou a ter sede ela colocou-se junto da água e ficou à espera, gozando a partida que pregaria aos outros.

O primeiro a chegar foi o porco do mato, que já ia a meter o focinho na corrente fresca, quando ela gritou:

—«Alto lá! Só pode beber se disser quantos pêlos eu tenho no corpo!

—Como posso eu saber se nunca estive na escola e não aprendi a contar?

—Pois então vá embora e não volte cá!

—Depois veio o coelho, e disse que precisava de três dias para contar.

—Antes disso você terá morrido de sede, respondeu a onça. Vá embora e não volte cá!

Um a um, os bichos foram chegando e voltando sempre com a mesma resposta e sempre com a garganta seca.

Afinal, chega a vez do macaco.

Quando a onça lhe fez a pergunta, ele respondeu sem pestanejar:

—Você tem no corpo sete milhões, oitocentos e quarenta e um mil, trezentos e vinte e seis pêlos!

—Mentira!—urrou a onça. Como é que você pode saber?

—Pois então conte para ver se eu não tenho razão!

A onça, que era tão tola quanto feroz, começou a contar, e enquanto estava assim distraída, o macaco não só bebeu a valer, como chamou todos os outros bichos para beberem também.

Quando a onça, desistindo de contar, porque errava a todo o instante, viu que tinha sido desobedecida, ficou furiosa, e jurou que faria uma pergunta mais difícil, para deixar o macaco atrapalhado.

Na tarde seguinte, todos os animais se reuniram para ver o macaco desacatar a onça.

A pergunta que ela tinha imaginado era a seguinte:

—Que é que é o que corre e não tem pernas, que bate e não tem mãos, que vive no leito e nunca pára?

Quando ouviu isso, o macaco deu uma risadinha de caçoada, e disse:

—É tão fácil que eu nem preciso de pensar para responder; até a «preguiça» será capaz de decifrar depressa.

Mas a «preguiça» confessou que não sabia, e também o tatu, que a onça chamou depois. Então ela desconfiou de que o macaco o que queria era ganhar tempo para descobrir a resposta, e ordenou-lhe que falasse logo:

—Ora—respondeu ele—eu até me rio de quem não souber que o que corre toda a vida sem ter pernas, bate nas pedras que estão dentro dele e não tem mãos, nunca sai do seu leito, é um rio.

Nem acabou de falar, começou a beber até se faltar. E a onça ficou tão furiosa de ser vencida que não notou que ele ia atirando água com as mãos para os outros bichos.

—Amanhã é que vocês hão-de ver o que é bom! ameaçou ela. Ninguém provará uma gota de água sem me trazer um pedaço de lua cheia para eu comer!

Isso era o mesmo que dizer ninguém mais poderia beber. Os animais ficaram desesperados. E como sabiam

que só o macaco poderia salvá-los, assim que a onça foi embora rodearam-no pedindo que imaginasse um jeito qualquer de livrá-los da maldita onça.

—Não se apoquentem que eu tenho cá uma ideia. Cuidem da vossa vida como se nada houvesse, e sobretudo não se cheguem perto de mim.

Todos juraram obedecer, e apenas clareou o dia o macaco arranjou um couro de veado e foi colocar-se num lugar onde a onça passava sempre. Quando lá chegou, começou a cortar o couro com os dentes, para fazer um selim e umas rédeas.

Estava muito entretido no seu trabalho, quando apareceu a onça.

—Bom dia, compadre macaco,—disse ela, fingindo-se muito inocente, e gozando a nova perversidade que inventara, pois tinha a certeza de que desta vez não a venceria o macaco—Para que quer o selim? Vai buscar a lua a cavalo?

—Ai, comadre onça, estou tão aflito que já nem me lembrava mais de que você tem vontade de comer a lua. E desculpe, porque não posso perder tempo em conversar. Antes do Sol chegar ao alto do céu os arreios que está vendo devem estar prontos, pois vem aí o anjo percorrer a floresta a ver como se portam os animais. Nosso Senhor disse que amanhã todos os animais desta floresta morriam, a não ser que esta noite tudo decorra calmamente e em silêncio. O anjo vem vigiar-nos de perto e pediu-me se o levava a cavalo.

—Eu, que sou o animal mais forte e mais bonito—respondeu a onça—desta selva, não consentirei que você, um vil macaco tenha a honra de levar o anjo às costas.

—Bem, já que tanto insiste, seja-lhe concedida essa honra, mas deixe-me arreá-la e ponha-se muito quietinha para quando o anjo vier.

Passados uns certos instantes, o macaco já estava a arrear a onça; mas sem se esquecer de lhe apertar bem as rédeas e de lhe pôr um freio muito duro.

—Ai, compadre macaco, está a magoar-me muito.

É preciso estar assim, porque se assim não for o anjo pode cair; e de mais a mais se lhe está a magoar deixemo para mim que eu de boa vontade o aproveito e recebo eu o anjo.

—Bem, já está pronta. Agora é só esperar pelo anjo. Cautela, ele já aí vem.

Nesta altura o macaco dá um pulo para cima do corpo da fera e crava-lhe fortemente as esporas. Quando chegou perto do resto dos animais os bichos riram-se a bandeiras despregadas ao ver a partida que o macaco tinha pregado à onça. Quando a onça percebeu que tinha sido enganada, deu pulos de meia-noite a ver se conseguia deitar o macaco abaixo. Num dos saltos que deu, o macaco saltou para o lado e a onça despedaçou a cabeça de encontro a uma rocha. Daí em diante a alegria tornou a reinar nos animais e o macaco espertalhão foi nomeado rei.

César Augusto

Bazar Esmeriz

Rua dos Clérigos, 70-74

PORTO

O bazar que possui o maior sortido
de brinquedos

QUEBRA-CABEÇAS

Secção dirigida por: EDUARDO PINHO e FRANCISCO VASCONCELOS

De um total de quarenta respostas às questões do número anterior, foram contadas trinta como correctas. Os nomes respectivos dos decifradores são os seguintes: Manuel José Ferreira Pinto, Pedro Luís de Magalhães Chaves, Carlos de Campos Morais, Mário Mateus Costa da Rocha, Manuel Alberto da Cruz Rocha, Fernando Manuel de Castro Fleming, José Carlos Balacó Moreira, Luis Bastos Teixeira da Mota, Maria Isabel Albuquerque Vergueiro, João Delfim von Hafe, António Garcia Moreira, Ana Maria Lopes da Silva Ramos, Manuel Adelino Neiva dos Santos, João d'Oliveira R. de Carvalho, Miguel Celso Peres Alves, Henrique Sampedro Nogueira, António Alberto Pereira de Melo, José Maria Pereira da Rocha, José Serrano, Pedro Regueiras, Maria Helena Albuquerque Vergueiro, José Adelino Fonseca, Álvaro Teixeira Bastos, José Gomes Dias Leitão, José Ernesto de Mesquita Guimarães, José Duarte Lucena, Jorge Pedro Nunes de Matos, José do Lago Vasconcelos Mota e a concorrente do pseudónimo «Tany».

Na questão referente à inclusão de problemas de palavras cruzadas, verificamos que apenas três concorrentes discordaram. Portanto, como a maioria vence, eis a razão por que, neste número, já fazem parte do concurso.

Notou-se, também, uma quebra na quantidade das respostas de concorrentes femininos que, até aqui, têm respondido em massa—assim se pode dizer. Qual a razão do facto?

Chegaram até nós duas respostas sem virem acompanhadas do respectivo cupão. Contámo-las como fazendo parte do sorteio, desculpando desta vez, porque atribuímos o facto a um lapso da parte dos concorrentes. Todavia, de futuro, as soluções sem o cupão não contam para o sorteio.

Realizado este, como de costume, na presença do nosso dedicado professor-orientador, sr. Dr. Oscar Lopes, a sorte coube ao concorrente Luis Bastos Teixeira da Mota.

As respostas exactas ao número anterior eram as seguintes: 1) Biblioteca; 2) Devagar se vai ao longe; 3) Liceu D. Manuel II; 4) Júlio Dantas: «Elogio do Sorriso»; Camilo Castelo Branco: «Amor de Perdição»; Eça de Queirós: «O Mandarin»; Alexandre Herculano: «Eurico»; Almeida Garrett: «O Alfageme de Santarém»; Gil Vicente: «Auto de Alma».

As questões deste número, dedicadas ao Liceu de Carolina Machaëlis, são as seguintes:

1)—Charada combinada

- + RA = Antigo instrumento musical
- + TA = Praça do Norte de A'frica
- + MILO = Escritor português
- + MARIA = Festa popular
- + ÇA = Combate
- + VIO = Barco
- + TRA = Chapéu de bispo
- + MA = Luz
- + VAS = Cidade portuguesa
- + TMO = Ligação entre península e continente

2)—Provérbio a adivinhar

M	V	T	Q	N
1	2	2	1	2

3)—Hieróglifo comprimido:



4) Escrever seis palavras compostas com o prefixo **guarda**. Ex: guarda-chuva (Evidentemente que esta não conta).

As respostas, acompanhadas do respectivo cupão, devem ser entregues no prazo de oito dias, a contar do saída deste número. As soluções por correspondência devem ser dirigidas a Eduardo Pinho—Rua Faria Guimarães, III7.

Como sempre, desejamos boa-sorte a todos, a fim de se habilitarem ao prémio de um livro que O MENSAGEIRO sempre oferece.

Sumário da evolução da pintura no século XVIII à actualidade

(Continuação da página 7)

José Clemente Orozco—E' um artista violento, impulsivo-sensitivo. Em opposição a Rivera, o seu desenho é febril, agitado; nada deve a uma aprendizagem clássica. Mas, como ele, recorreu ao simbolismo e às visões do passado pré-hispânico (onde evidencia, como o não faz Rivera, os progressos materiais devidos ao colonizador).

Siqueros—Como Rivera, encheu a sua obra de visões de fábricas e máquinas, e símbolos fortes de significado e actualidade. Foi dos três o que mais recorreu aos processos da pintura europeia moderna (futurismo, expressionismo). E é talvez o mais consciente da transformação que se realiza na vida e nas artes, ao preconizar a colaboração estreita entre todos os artistas (arquitectos, escultores, pintores, decoradores), como meio indispensável de edificar um ambiente de harmonia e beleza, onde os vindouros possam viver com mais felicidade.

Cândido Portinari—Brasileiro descendente de Italianos, teve começos de vida difíceis na sua terra natal, mas foi nela que recebeu os primeiros e decisivos impulsos que o levaram ao seu lugar destacado na arte moderna. Na Europa enriqueceu a sua bagagem de conhecimentos, e ao regressar ao Brasil lançou-se numa produção intensiva, na qual, graças às mais variadas técnicas e meios de expressão, foi compondo a sua mensagem de confiança na bondade do homem e na beleza da vida.

Paralelamente aos mexicanos, fez dos trabalhadores brasileiros, brancos, negros e mulatos, o tema nacional das suas pinturas. E, como eles, interpretou o passado da nação.

Em 1942, nos murais para a Hispanic Foundation da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, em Washington, procurou símbolos que tivessem um significado mais largo, ligado ao passado de todo o continente americano.

Estes pintores da América latina vieram influenciar a Escola de Paris, que domina todo o ciclo de história da pintura aqui resumido.

O novo realismo plástico está hoje a desenvolver-se ao calor de uma polémica acerca de quais sejam os elementos pictóricos de toda a evolução posterior ao Impressionismo, adequando-os a uma arte plenamente humana, que faça apelo às tendências mais criadoras, pacíficas e progressivas da humanidade. O pintor Fougerson distingue-se no repúdio da evolução posterior ao Impressionismo; Gromaire, Pignon, Picasso, etc., resistem ainda ao novo dilema:—ou arte para um público mais largo do que aquele que até hoje a tem mantido, ou então arte abstracta, que esse público tradicional agora vai preferindo

Cupão 13